

O CONTINENTE E O PRATA:

a ascensão do pensamento republicano nas fronteiras entre a história e a literatura.

Gabriel Pereira da Silva¹

Artigo recebido em: 09/03/2022.

Artigo aceito em: 18/10/2022.

RESUMO:

O presente artigo visa abordar aspectos referentes ao processo de formação do território sul-rio-grandense integrado com a historiografia platina. Para tanto, busca-se através de um diálogo entre História e Literatura despertar tais questões a fim de discutir e embasar nossas reflexões. O primeiro livro da trilogia *O tempo e o vento*, do escritor Erico Verissimo, serve como ponto de partida para nossa proposta ao situar-se entre os séculos XVIII e XIX. O processo histórico registrado pela historiografia recente, bem como a percepção crítica do romancista contribuíram para a exposição das ideias referentes à ascensão do pensamento republicano no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: *O tempo e o vento*; Região Platina; República; Monarquia.

THE CONTINENT AND THE PLATINUM REGION continent and the platinum region: the rise of republican thought on the borders between history and literature.

ABSTRACT:

The present article is to approach aspects of the historic process of formation of South-Rio-Grande territory integrated with platinum historiography. In this way, we seek through a dialogue between History and Literature to awaken these questions to discuss and base our reflections. The first book of the literary trilogy *O tempo e o vento*, by the writer Erico Verissimo, serves as a starting point to our proposal, as it is situated between the 18th and 19th centuries. The historical process recorded by the current historiography, as well as the novelist's perceptions contributed to the exposition of ideas referring to the rise of republican thought in Brazil.

¹ Graduado em História pela Universidade Franciscana e mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria, Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4159654636556795>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7841-6063>; e-mail: psilvagabriel5@gmail.com. Orientador: José Martinho Rodrigues Remedi; Grupo de Pesquisa: "Representações de Fronteira: História, Cultura e Patrimônio no Sul do Continente Americano, séculos XIX e XX".

KEYWORDS: *O tempo e o vento*; Platinum Region; Republic; Monarchy.

1. Introdução

Na primeira parte de *O tempo e o vento*, o escritor Erico Verissimo introduz os leitores a uma série de eventos relacionados à história da formação do território que hoje corresponde ao Rio Grande do Sul.² O contexto histórico utilizado pelo romancista percorre desde meados do século XVIII até o final do século XIX, desenvolvendo um enredo onde coexistem o processo histórico e a ficção. Ao levarmos em consideração esse aspecto, *O Continente* constitui-se como fonte de múltiplas possibilidades de abordagem, como a representação da emergência de uma geração republicana ao longo do século XIX em um espaço politicamente instável, bélico e fronteiriço.

Para fins desse estudo, levamos em consideração que o Rio Grande do Sul enquanto território limítrofe entre as colonizações ibéricas constitui-se como parte integrante de uma História Platina.³ Nesse sentido, o espaço será entendido de acordo com as reflexões da historiadora argentina Sara Emilia Mata, relativas aos enfoques e possibilidades que a História Regional possibilita enquanto prática historiográfica. Dessa maneira, Mata (2019, p. 11, tradução nossa)⁴ destaca que:

Abandonar o perfil economicista e quantitativo da análise econômica e delegar atenção às relações sociais, interações e redes possibilita também estudar a construção de poder, as relações de gênero e demais problemas da história social e política, resgatando os estudos de caso e os estudos

² Erico Lopes Verissimo nasceu em 1905 na cidade de Cruz Alta, no interior do Rio Grande do Sul. A década de 1930 marcou sua ascensão literária a partir da publicação de obras que obtiveram grande aceitação, tais quais *Clarissa* (1933), *Música ao longe* (1935), *Olhai os lírios do campo* (1938), entre outras. Os livros *O Continente* (1949), *O Retrato* (1951) e *O Arquipélago* (1962) compõem a trilogia *O tempo e o vento*, projeto ao qual o escritor empregou boa parte de seus esforços, assim como atestam suas memórias e entrevistas.

³ Para um debate mais aprofundado sobre o conceito de região, ver Heredia (1999) e Chiaramonte (2008).

⁴ “Abandonar el perfil economicista y cuantitativo del análisis económico y prestar atención a estas relaciones sociales, interacciones y redes ha posibilitado también estudiar la construcción de poder, las relaciones de género y muchos otros problemas de la historia social y política, rescatando los estudios de casos y los estudios locales al inscribirlos en una escala espacial y temporal que les permite reconstruir su sentido” (MATA, 2019, p. 11).

regionais ao inseri-los em uma escala espacial e temporal que lhes permitam reconstruir seus sentidos.

Ainda que não possamos, tampouco tenhamos pretensão, enquanto historiadores, de negar a relevância da história econômica e das próprias análises quantitativas à pesquisa histórica, a proposta da historiadora argentina serve como impulso para pensarmos política e sociedade integradas com as influências de atores sociais luso-brasileiros e platinos. Uma vez definidas essas questões, busca-se a partir dos eventos retratados pelo escritor Erico Verissimo, refletir como o pensamento republicano vai incorporando-se nesse universo conforme o processo histórico. Nesse sentido, devemos destacar que as relações de poder familiares ocorrem em um espaço regional, transpondo os limites territoriais da fictícia Santa Fé e os próprios limites físicos do Rio Grande do Sul, envolvendo o espaço platino de modo a integrar questões relativas à República, vivenciada desde os processos de independência do início do século XIX pelos países vizinhos, além do cenário econômico do mundo das estâncias.⁵

A primeira parte desse artigo dedicar-se-á a exposição dos aspectos formativos do território rio-grandense e do mundo das estâncias, a partir do diálogo entre a obra de Erico Verissimo e a historiografia brasileira. Dessa forma, abordaremos brevemente a saga da família Terra, protagonista do romance, na passagem do século XVIII até o seu estabelecimento no povoado de Santa Fé, em princípios do século XIX. As relações sociais representadas oferecem uma visão categórica sobre o período, instigando reflexões sobre as relações entre os campos historiográficos e literários, de acordo com diferentes teóricos.

Em um segundo momento, destacaremos o processo formativo do Estado Oriental do Uruguai na primeira metade do século XIX e a instabilidade política entre os regimes monárquicos e republicanos. Conforme nossa proposta de integrar o debate platino, recorreremos à historiografia uruguaia para compreender a vida

⁵ Conforme Osório (2006, p. 2), o vocábulo, originário do espanhol platino, “não designava grandes propriedades e nem era sinônimo de grandes rebanhos. [...], significava apenas as unidades produtivas em que se criava gado, sem nenhuma conotação de tamanho”.

política desse território e o seu caráter dinâmico. Já para assinalarmos os eventos que culminaram na criação desse estado independente, nos apoiamos na historiografia argentina sobre a Guerra Cisplatina ou *Guerra Del Brasil*.

Finalmente, de acordo com a trajetória de Licurgo Terra Cambará, procuramos abordar pelo viés literário e historiográfico como deu-se o amadurecimento do pensamento republicano na província e a atuação de seus propagandistas por meio de periódicos. Além disso, sintetizaremos como os conflitos bélicos citados n’*O Continente* de Verissimo conduziram o processo histórico à abolição da escravidão e ao golpe militar que pôs fim à Monarquia no Brasil.

2. Os mundos das estâncias: historiografia e literatura

O escritor Erico Verissimo registra em *O Continente* a estrutura agrária e ocupação do território rio-grandense desde o século XVIII por meio de pequenas unidades produtivas de criadores de gado e lavradores, bem como pela fundação de modestas vilas ou cidades. Por sua vez, a historiadora Helen Osório (2006, p. 2-3), de acordo com o levantamento de todos os ocupantes de terras existentes no Rio Grande realizado entre 1784 e 1785, destaca que:

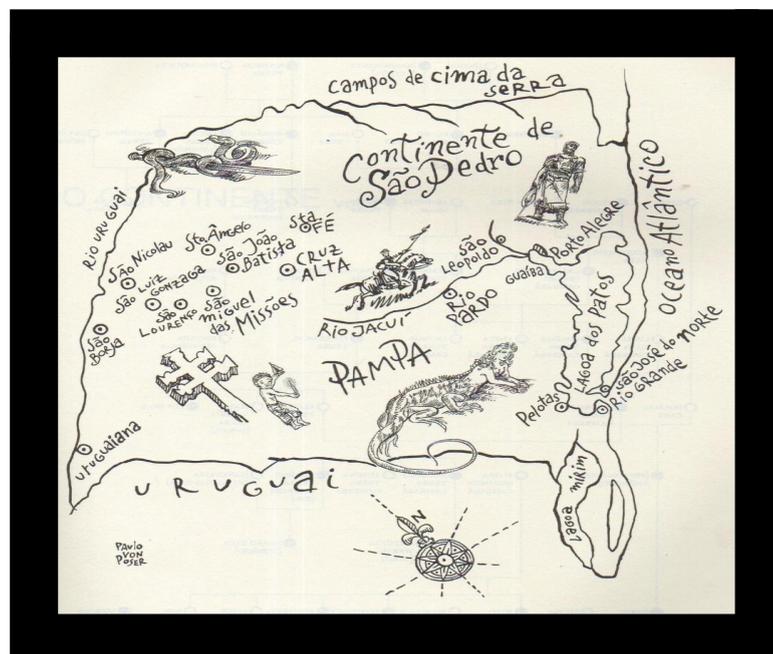
A paisagem agrária que estava sendo construída pelos habitantes da capitania combinava, em várias modalidades, plantações de alimentos (especialmente trigo e mandioca) e criação de animais, compondo uma paisagem muito similar a da campanha de Buenos Aires e da Colônia de Sacramento, que uma nova historiografia argentina vem revelando.

Dessa maneira o leitor entra em contato com a estância de Ana Terra, localizada próxima a Rio Pardo. Tal aproximação da ficção com a História faz-se importante, uma vez que é para Rio Pardo que “de tempos em tempos um de seus irmãos ia com a carreta cheia de sacos de milho e feijão, e de onde voltava trazendo sal, açúcar e óleo de peixe”. (VERISSIMO, 2013, p. 85). O romancista, caminhando

na contramão da historiografia tradicional do período,⁶ destacou algo que estudos recentes confirmaram: havia uma estrutura agrária diversificada, na qual a maior parte dos produtores rurais dedicava-se à agricultura, em maior ou menor grau, predominando as unidades produtivas mistas de cultivo de alimentos e criação de gado (OSÓRIO, 2006).

O horizonte de Santa Fé (Figura 1) ilustra-se ao leitor conforme o processo histórico abre espaço para o século XIX. No início da década de 1790, a estância da família Terra dedicava-se ao cultivo de trigo, milho, mandioca e feijão quando foi surpreendida pelas notícias trazidas por um tropeiro dando conta de que bandidos castelhanos atuavam na região saqueando estâncias, matando gente e violentando mulheres (VERISSIMO, 2013). Esse contexto remete à ocupação do território sulino e a uma gama de tensões envolvendo diferentes atores sociais e históricos.

Figura 1: Mapa do Continente de São Pedro e localizações de Rio Pardo e Santa Fé.



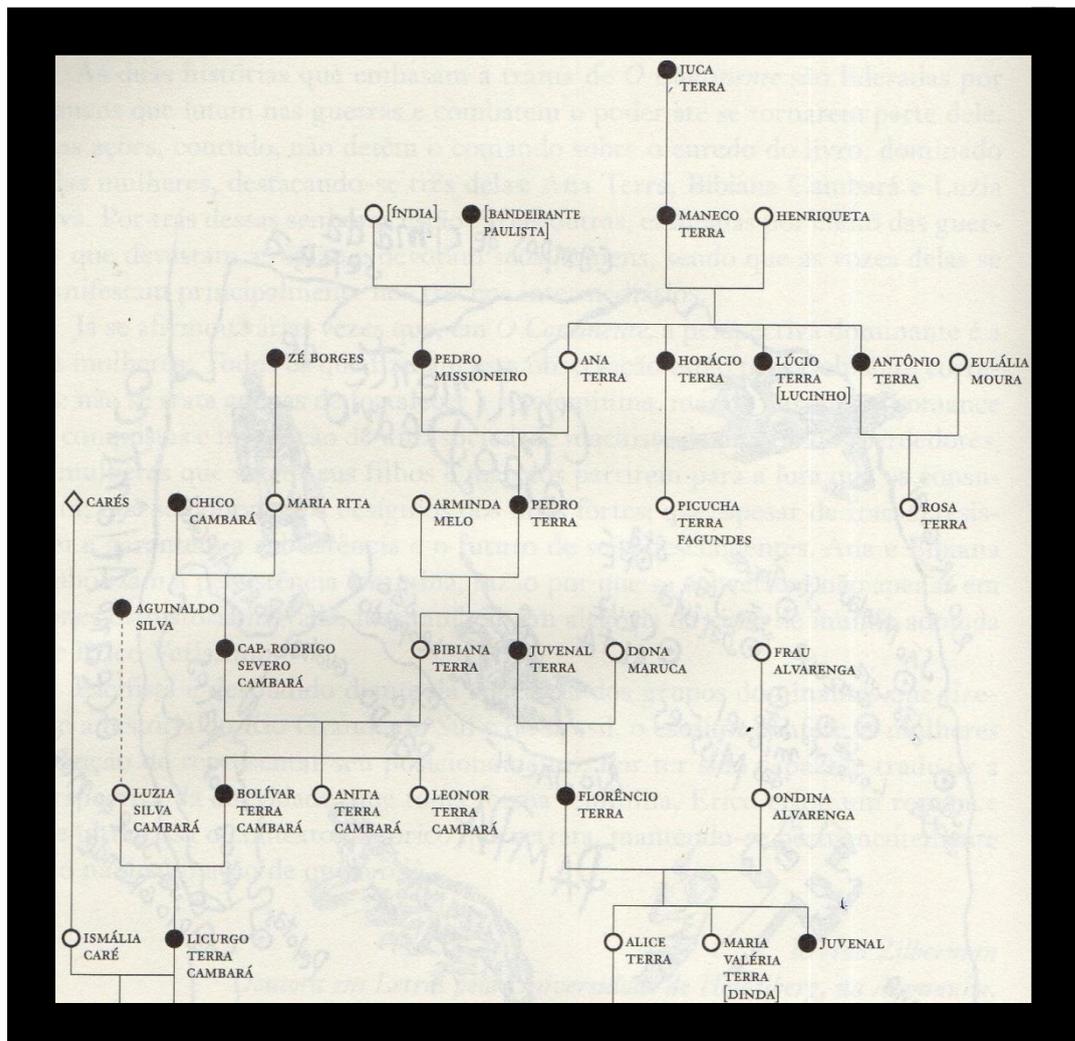
Fonte: Verissimo (2013, p. 13).

⁶ A imagem consolidada pelo senso comum ao longo do século XX é a de um Rio Grande do Sul dotado de imensos rebanhos, vastas campanhas e poucos homens. Embora essa percepção corresponda parcialmente à realidade colonial, não direciona para a complexidade das relações sociais e produtivas do processo formativo do território, como apontam diversos estudos recentes (OSÓRIO, 2006).

Tal como alertara o tropeiro, o encontro entre os Terras e os castelhanos sucedeu, constituindo-se em um verdadeiro massacre, do qual restaram apenas Ana Terra, Pedro, seu filho, além de Eulália e Rosa, suas cunhada e sobrinha, respectivamente (Figura 2). O desenrolar da narrativa conduz os leitores acima da serra, rumo ao norte de modo a acompanharem o estabelecimento dessa gente em meio às campinas desertas dos campos do velho Amaral, um pequeno agrupamento de ranchos que mais tarde consistiria no povoado de Santa Fé (VERISSIMO, 2013).

Figura 2: Representação parcial da genealogia da família Terra Cambará.

Fonte: Verissimo (2013, p. 14).



As imagens apresentadas assumem um papel importante para pensarmos a interseção entre história e literatura em que situamos este estudo. Mais do que

simplesmente ilustrar e contextualizar o leitor, são elementos que visam prover reflexões. Logo, situar Santa Fé no espaço rio-grandense e platino (Figura 1) é importante para vislumbrarmos o palco dos acontecimentos. Contudo, salienta-se a necessidade de superarmos a ideia que associa a fronteira apenas como um limite estático e linear. Entendemos, de acordo com Guazzelli (2003, p. 124), que a fronteira é um espaço resultante de construções históricas, fruto de “complexos processos de ocupação e transformação da natureza, carregados, portanto, de determinações econômicas, sociais, políticas e culturais muito variadas”.

Estimular o diálogo entre o romancista Erico Verissimo e historiadores e historiadoras torna-se um exercício para enxergarmos os pontos de convergência entre a História e a Literatura. Desse modo, a Literatura pode ser uma via de acesso à História “em seus dados de realidade e suas projeções subjetivas” (FERREIRA, 2012, p. 88). Buscando, assim, aporte em teóricos e estudiosos das letras, destacamos de acordo com Becker (2006, p. 77), que “embora as análises dos historiadores tenham em vista apresentar a saga de um ponto de vista de seu ramo de conhecimento, na maioria dos casos, nelas predominam os aspectos explorados pela análise literária”.

A tese defendida pela pesquisadora destaca ainda a imensa fortuna crítica acerca da obra do escritor gaúcho, bem como um considerável estado da arte. Entretanto, o número final é reduzido ao focalizar especificamente as relações entre a Literatura e a História (BECKER, 2006). Para sustentar esse diálogo, utilizamo-nos de referências em comum, como Maria da Glória Bordini e Regina Zilberman. Assim, registra-se que durante a elaboração da obra, Verissimo fez uso de procedimentos formais relativos ao romance e aos seus subgêneros, incorporando na história oficial a história anônima, descolonizando assim o processo de formação do Rio Grande do Sul (BORDINI, 2000).

Ao expor a genealogia da família Terra Cambará (Figura 2), pretendemos exaltar a complexidade da obra e suas possibilidades de abordagem. Indo ao

encontro das observações anteriores de Bordini, Zilberman (2000, p. 36), reforça que:

A história narrada por Erico não elege heróis individuais, sejam militares ou civis envolvidos em conflitos bélicos, com o romance histórico do Romantismo, e sim o grupo; também não destaca uma camada social, e sim o núcleo doméstico, responsável pelo aparecimento e manutenção das gerações, num processo sem fim de que depende o funcionamento da sociedade.

Sobre essas relações, Chartier (2021, p. 40) destaca que “a literatura no século XX se apoderou do que os novos ídolos da história (populações, economias, sociedades) ignoravam, desprezavam ou borravam, ou seja, as ‘vidas’ sempre únicas, frágeis, obscuras”. Uma vez que destaca suas virtudes, o historiador (2021, p. 41) tece ressalvas aos usos da literatura na prática historiográfica, pois:

Não se trata, então, de afirmar, como o faz Hayden White, que ficção e história produzem uma mesma verdade, mas de identificar quais são as condições que localizam, em algumas obras literárias (e não em todas), um discurso verdadeiro sobre a realidade ou o passado.

Conforme o romancista destaca (2013), as origens do povoado de Santa Fé podem ser compreendidas a partir do coronel Ricardo Amaral e das dezenas de léguas de sesmarias que possuía, abrigando milhares de cabeças de gado, uma charqueada e vastas lavouras. Nascido em Laguna, tomou praça no exército durante a Guerra Guaranítica e participou das contendas contra os castelhanos, recebendo campos e condecorações militares como recompensa pelos seus serviços. O tipo aqui representado habita também a dissertação de Luiz Alberto Grijó (1998, p. 32), afinal, nada mais era do que um típico representante da elite estancieira, “misto de miliciano e produtor rural, ocupava uma posição que, seja por imperativos de ordem econômica [ou] militar, levava à necessidade de cercar-se de peões, cujas relações se estabeleciam em termos de dependência”.

Sobre os grandes proprietários de terra desse período e suas ações, vale salientar, de acordo com Osório (2006, p. 10), que “os maiores investimentos [eram] feitos em animais (47%); seguiam-se as terras (35%), escravos (17%) e equipamentos

(1%)”. Dessa forma, a atuação do fictício Ricardo Amaral parece tomar por base esses dados, uma vez que após o Tratado de Santo Ildefonso (1777), o coronel passou a dedicar-se à criação de gado, compra de novos escravos e ao aumento das lavouras. Em seu primeiro diálogo com Ana Terra, mais questões relativas à complexidade das relações sociais do período podem ser percebidas. Ao pedir licença para residir em suas terras, a matriarca da família Terra ouve do próprio coronel que “não há nenhuma dúvida [de que sim]. Precisamos de gente. Um dia inda hei de mandar uma petição ao governo para fundar um povoado aqui” (VERISSIMO, 2013, p. 141).

Essas relações de dependência envolveriam tanto os serviços prestados de natureza econômica quanto o acompanhamento junto ao estancieiro enquanto chefe político e militar em períodos de crise. Dessa forma, conforme Grijó (1998, p. 31-32):

O século XIX no Rio Grande do Sul foi, como nos períodos anteriores, pontuado por conflitos militares amplos que envolviam desde reflexos de guerras europeias, a Guerra Cisplatina (1817-28),⁷ passando pelos levantes de parcelas da elite rio-grandense, principalmente estancieiros e charqueadores com seus escravos e clientes, contra o Império brasileiro, a Revolução Farroupilha (1835-45), e as Guerras Platinas (1849-52) e a Guerra do Paraguai (1864-70).

Esse cenário belicoso faz-se presente ao longo de toda a narrativa desenvolvida pelo romancista, o que justifica a rotatividade de assuntos abordados neste estudo. Os descendentes masculinos da família Terra e as descendentes femininas enfrentam, pois, destinos parecidos: a guerra e a espera, em um ciclo que parece infundável.

3. *Al este del río Uruguay*: choques entre monarquia e república (1808-1830)

⁷ A ocupação portuguesa na Banda Oriental deu-se em 1816 visando o Rio da Prata como limite territorial. Para tanto, houve inclusive apoio de uma parte da elite de Montevideu – cidade capturada em 1817 – e conivência do governo central de Buenos Aires (DI MEGLIO, 2015). Em concordância com o historiador argentino, tomaremos os anos de 1825 e 1828 como delimitação para a Guerra Cisplatina.

Ao levarmos em consideração os aspectos políticos relativos à região sul do continente americano, devemos refletir a partir do ponto de vista de um espaço integrado, arranjado em vínculos políticos, econômicos, climáticos, culturais e inserido em meio aos processos de consolidação dos estados nacionais. As diversas tentativas de domínio da região do Rio da Prata nas primeiras décadas do século XIX corroboram para essas questões, uma vez que a posse desse território garantiria acesso a boas pastagens e água em abundância para criação de gado, além do valor comercial estratégico frente aos rios Paraná e Uruguai. Nesse sentido, “espanhóis, orientais, portugueses, portenhos e brasileiros exerceram o controle político dos territórios ao leste do rio Uruguai entre os anos de 1808 e 1830” (FREGA, 2016, p. 31, tradução nossa).⁸

No começo do século XIX, esses territórios, que correspondiam à chamada Banda Oriental, não formavam uma unidade político-administrativa do Vice-Reinado do Rio da Prata, tampouco tinham definidos os seus limites com o domínio português no Brasil. De maneira geral, destaca-se que a vida política ao longo do oitocentos experimentou diversas mudanças radicais. Os processos de independência impulsionaram a soberania popular e a forma republicana de governo, integrando assim suas instituições e práticas políticas e, ainda que não fosse o objetivo inicialmente planejado, deram origem a um Estado livre e independente (FREGA, 2016).

A compreensão desse processo histórico requer uma atenção deslocada ao outro lado do atlântico no contexto das invasões napoleônicas à península ibérica. A deposição do monarca espanhol Fernando VII em benefício do francês, José Bonaparte, bem como a fuga da Corte portuguesa para o Brasil, em 1808, com a escolta da Grã-Bretanha, marcam esse cenário de crise dos impérios lusitanos e espanhóis. Uma vez instalada no Rio de Janeiro, os interesses da Coroa portuguesa logo se voltaram para a região do Rio da Prata. Assim, “nesse horizonte de

⁸ “Españoles, orientales, portugueses, porteños y brasileños ejercieron el control político en los territorios al este del río Uruguay entre 1808 y 1830” (FREGA, 2016, p. 31).

incertezas, os grupos de poder locais viram-se compelidos a atuar para manter (ou melhorar) suas posições” (FREGA, 2016, p. 35, tradução nossa).⁹

Dessa maneira, a formação da *Junta de Gobierno de Montevideo*, ainda em 1808, pode ser considerada como um anúncio dos conflitos que caracterizariam a *Revolución del Río de la Plata* e as décadas posteriores, marcadas pela rivalidade entre os territórios platinos e pela confluência efêmera de grupos com interesses contraditórios. Um fato que atesta essa questão é o reconhecimento de cinco constituições sobre o território da Banda Oriental entre os anos de 1812 e 1830.¹⁰ Os conceitos de independência, liberdade republicana e união dos povos foram levantados e empreendidos por José Artigas durante toda a década de 1810. Todavia, “a derrota das forças artiguistas travou a revolução social que se insinuava. [...] a memória e a presença dessa experiência revolucionária exerceram forte marca nos processos históricos da região nas décadas seguintes” (FREGA, 2016, p. 55, tradução nossa).¹¹

A decisão tomada pelo *Congreso General Extraordinario de Montevideo* de incorporar-se ao Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve, em 1821, com o apoio de membros do governo e das forças militares, fez com que diversas vezes se levantassem contra o Congresso e suas resoluções. Com a independência do Brasil, em 1822, o cenário ficou cada vez mais instável. O projeto de reingresso da Banda Oriental junto às províncias *rioplatenses* vai ganhando força até que em 19 de abril de 1825, “treinta y tres orientales” encabeçaram um levante contra os brasileiros,

⁹ “En ese horizonte de incertidumbre, los grupos de poder locales se vieron compelidos a actuar para mantener (o mejorar) sus posiciones” (FREGA, 2016, p. 35).

¹⁰ Nesses anos reconheceram-se cinco constituições: a de Cádiz (em 1812), as bases constitucionais do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve (em 1821), a do Império do Brasil (em 1824), a das Províncias Unidas (em 1827) e a do Estado Oriental do Uruguai (em 1830). Ainda, os territórios fizeram parte de uma espécie de união confederada, como o *Sistema de los Pueblos Libres*, representado por José Artigas e de unidades estatais incipientes como a das *Provincias Unidas del Río de la Plata* (FREGA, 2016).

¹¹ “La derrota de las fuerzas artiguistas impuso un freno a la revolución social que se insinuaba. Sin embargo, la memoria y la presencia de esa experiencia revolucionaria ejercieron una fuerte impronta en los procesos históricos de la región en las décadas siguientes” (FREGA, 2016, p. 55).

comandados por Juan Antonio Lavalleja e contando com o apoio do popular líder rural Fructuoso Rivera (DI MEGLIO, 2015).

Como aponta Di Meglio (2015, p. 166, tradução nossa), “a guerra fez com que dois sistemas políticos colidissem”.¹² Nesse sentido, emerge o conflito da República contra a Monarquia, a ideia da liberdade contra o despotismo europeu, as Províncias Unidas do Rio da Prata contra o Império do Brasil. Herdeiros das disputas imperiais entre as coroas ibéricas, as novas gerações de homens envolvidos no conflito buscavam sempre apoderar-se das reservas de gado para reconstruírem suas posses.

A configuração dessa guerra, contudo, faz-se importante para compreender a influência britânica nas tratativas de paz e na consolidação do território em disputa como estado independente. Ambas as capitais, Buenos Aires e Rio de Janeiro, enfrentavam problemas similares de disputas internas e dificuldades para reunir um exército frente às altas taxas de deserção. Dom Pedro I priorizou a estratégia naval de bloqueio econômico ao Rio da Prata. Os *rioplatenses*, por sua vez, apostavam nas ofensivas terrestres. Os enfrentamentos navais e as batalhas campais prejudicavam o comércio e os interesses do Reino Unido, surgindo este como mediador das tratativas de paz (DI MEGLIO, 2015).¹³

Ao término desses conflitos em torno da cisplatina, na ficção a vida de Bibiana Terra cruza-se com a do capitão Rodrigo Cambará, abrindo espaço para um período relativo de paz antecedente à guerra civil farroupilha, no Rio Grande do Sul. O historiador Jocelito Zalla (2016, p. 477), nesse sentido, destaca que:

Apesar do tratamento formal, o narrador não se furta de uma interpretação geral do cenário político rio-grandense, mas como um historiador que escrutina causas e consequências, ele desenha

¹² “la guerra hizo chocar dos sistemas políticos” (DI MEGLIO, 2015, p. 166).

¹³ Em maio de 1828, Rivera se apoderou dos Sete Povos das Missões, o que convenceu Dom Pedro a aceitar o acordo de paz. Dessa forma, os *rioplatenses* abandonariam o território imperial e as Missões, assim como os brasileiros cessariam as operações de corso e desocupariam as cidades orientais. Durante a guerra, havia crescido entre os orientais a ideia de uma possível independência (DI MEGLIO, 2015).

antecedentes econômicos e culturais. Em outro distanciamento em relação à historiografia local, a razão profunda da guerra, mais do que oposição ao centralismo imperial ou, na versão mais ufanista, luta pela liberdade e pela república, poderia ser buscada na divisão geográfica estabelecida pelo modelo de colonização: na fronteira, latifúndio pecuarista, com agenciamento de populações tradicionais e militarização da sociedade; no litoral, lavoura, comércio e incentivo à imigração. As posições dos rio-grandenses frente à independência do Brasil, anos antes, revelam a dualidade campo/cidade que mobilizaria o estado em novos confrontos armados.

O salto temporal ao qual aderimos nesse momento revela-se salutar à proposta deste artigo, pois o enredo literário retoma constantemente a revolta da degola, já na década final do século XIX.¹⁴ Para uma reflexão sobre o cerco federalista ao casarão republicano, há que se debater sobre o contexto histórico que levou a mais esse estopim bélico.

4. O Continente republicano

O hiato entre a guerra civil farroupilha e as tensões referentes à Guerra do Paraguai é parcialmente explorado na obra de Erico Verissimo. Entretanto, sabemos que o ano de 1854 marca as bodas de papel e o nascimento do primeiro e único filho da união de Luzia Silva e Bolívar Terra Cambará. Em suas confissões, Luzia destaca que o nome da criança, Licurgo, foi escolhido devido ao som escuro e ao tom dramático que a pronúncia traria consigo. De fato, uma escolha condizente devido à constituição da personagem, repleta de enigmas e marcando um contraponto na vida da família Terra Cambará. Sua figura, dotada de uma beleza cintilante, dona de uma caligrafia impecável e leitora contumaz de livros causara estranheza na população da vila de Santa Fé, que parecia não compreender seus “modos de cidade”, adquiridos enquanto estudava na Corte (VERISSIMO, 2013).

¹⁴ A Revolução Federalista (1893-1895), embora centralizada no Rio Grande do Sul, extrapolou os limites do regional vinculando-se à Revolta da Armada e ameaçando a estabilidade do incipiente regime republicano brasileiro. Fundamentalmente, a revolta partiu daqueles que, em 1889, haviam sido derrubados do poder pelos republicanos seguidores de Júlio de Castilhos (PESAVENTO, 1983). O reconhecimento desses eventos como revolta da degola chama atenção para os atos de violência e barbárie cometidos por maragatos (revolucionários) e pica-paus (situacionistas). Erico Verissimo explora essas questões em *O Continente*, bem como no decorrer da sua obra, uma vez que esses eventos contribuem para a acentuada polarização política existente no Rio Grande do Sul do século XX.

Tal contraponto faz-se essencial para o enredo literário, uma vez que o jovem Licurgo Cambará tem sua educação influenciada pela avó, Bibiana, pela mãe, Luzia e pelo capataz do Angico, Fandango.¹⁵ A narrativa de *O Continente* retorna às vésperas da ascensão de Santa Fé à categoria de cidade, em junho de 1884. Para entendermos o papel dos periódicos no sentido de propagandas partidárias, bem como o contexto histórico, convém retomar brevemente o processo político pós Guerra do Paraguai. Nesse sentido, valemo-nos da historiografia brasileira e do romance de Verissimo a fim de ilustrar o prestígio adquirido pelo exército após os combates.

Durante a década de 1870, a charqueada gaúcha enfrentava uma crise que refletia negativamente sobre a pecuária. Entretanto, não afetava em sua totalidade a economia da região, que topava respaldo na agricultura versada em pequenas propriedades, no geral, praticada pelos imigrantes. Os grandes proprietários de terras, gado e charqueadas encontravam no jornal *A Reforma*, desde 1868, um órgão de defesa da maior autonomia às províncias pela descentralização administrativa e pelo federalismo (PESAVENTO, 1983). Todavia, a historiadora complementa:

Em 1878, com a ascensão do Partido Liberal ao poder no Brasil, o domínio dos liberais no Rio Grande se tornou incontestado. Com a morte de Osório, em 1878, assumiu a chefia do partido Gaspar Silveira Martins, que desempenhava as funções de mediador entre as classes dominantes locais e o poder político central. Internamente, dedicou-se a solidificar a hegemonia dos liberais na província, estendendo uma aliança política com os novos setores emergentes na sociedade gaúcha: os colonos alemães e o setor mais representativo da comunidade teuta – os comerciantes e a elite intelectualizada (PESAVENTO, 1983, p. 46).

Nesse sentido, observamos uma aproximação na relação entre o Partido Liberal e as instituições monárquicas, passando aquele de crítico a defensor delas ao longo da década de 1880. Contudo, a política adotada mostrou-se paliativa, não contemplando a modernização ou renovação da estrutura produtora gaúcha (PESAVENTO, 1983). Dessa forma, repercute de maneira fervorosa um discurso

¹⁵ Esse universo destacado pelo escritor evidencia a complexidade da constituição psicológica do personagem Licurgo Cambará e das relações sociais. Aos quinze anos, em 1869, era um homem feito, além disso, “estudava história e linguagem com o dr. Nepomuceno, aritmética e geografia com o vigário, e ciências com o dr. Winter. O resto – que para ele era o principal – aprendia com a vida, com a peonada do Angico e principalmente com o velho Fandango” (VERISSIMO, 2013, p. 465).

antagônico à Monarquia em um contexto comedido pelo cientificismo. Para tanto, vale-se de uma configuração mais crítica dos jornais e de uma disseminação da propaganda política republicana e abolicionista como sinônimo de progresso e símbolo da modernidade, tal como os processos de industrialização e urbanização (BAKOS, 2006).

Todas essas questões estão presentes tanto no Positivismo quanto na criação do Partido Republicano Rio-grandense (PRR), a partir da Convenção Republicana de 23 de fevereiro de 1882 e do engajamento do jovem advogado que retornara um ano antes (1881) de São Paulo, para tornar-se o arauto na província e, conforme Bakos (2006, p. 10), aos poucos fundamentar “o mito que se criou em torno do líder perrepeista, como pessoa sem vacilações ou incoerências, objetiva nas respostas e decisões”. A própria autora faz ressalvas a essa questão, uma vez que Júlio de Castilhos tenha demonstrado receio em tornar públicas suas correspondências referentes à própria participação no tráfico de escravos, alimentando, dessa forma, a oposição e caminhando na contramão do que pregava Augusto Comte, impetuosamente contrário à escravidão (BAKOS, 2006).

Embora no princípio o PRR fosse um grupo minoritário no cenário político regional, conforme Pesavento (1983, p. 59), seus membros, liderados por Júlio de Castilhos, eram “radicais na sua intransigência com a Monarquia, progressistas para os quadros da época [e] demonstraram extrema habilidade política nos incidentes que levaram à queda do regime”. Assim, além de estabelecer um diálogo franco com o Exército e gozar do mesmo ideário, Sandra Pesavento (1983, p. 60) complementa que:

Os republicanos civis instrumentalizaram os militares, aumentando o seu inconformismo com o regime e produzindo o desfecho da situação com o golpe de 15 de novembro [de 1889]. Não apenas os aproximavam os tradicionais laços que o Rio Grande sempre mantivera com as Forças Armadas, mas também a identidade de propostas quanto ao tipo de governo a ser instalado: a república autoritária, de feição positivista.

O processo histórico é utilizado pelo escritor Erico Verissimo para confiar valor ao enredo literário, situando suas personagens a serviço de figuras históricas

ou portadores de pensamentos comuns aos diferentes períodos abordados. No caso específico, é junto aos derradeiros suspiros da Monarquia no Brasil que ascende de maneira contundente o pensamento republicano em sua obra.

Finalmente, o fictício Toríbio Rezende, baiano formado pela Faculdade de Direito de São Paulo, é quem traz para o enredo literário a ideia republicana, em princípios de 1881. Provocando desde o primeiro dia a ira dos Amarais, logo conquistou o afeto de Licurgo Cambará. Este, por sua vez, a partir do convívio com o amigo e da leitura dos artigos de Júlio de Castilhos na imprensa, tornou-se um republicano e abolicionista. Em 1883, fundaram em Santa Fé o Clube Republicano, contando com sessenta sócios e uma folha semanal (VERISSIMO, 2013). Essas questões levam a reflexão do contexto político e social polarizado entre os diferentes atores sociais, ponto de partida para os históricos treze de maio e quinze de novembro.

5. Considerações finais

A perspectiva da história regional adotada foi de grande valia com relação ao despertar de diferentes assuntos e considerações provenientes desse estudo. O pensamento republicano no Brasil, por si só, configura-se aberto para muitas abordagens, tantas quanto expusemos neste artigo. Ao pensarmos essas questões integradas com o espaço platino, abrimos um leque de possibilidades de estudo sobre o tema, desde a ocupação do território por diferentes atores sociais até suas atuações desencadeando o processo histórico político delineado pelos séculos XVIII e XIX. Nesse sentido, julgamos fundamental enriquecer as pesquisas historiográficas estimulando o diálogo com a historiografia platina ou mesmo buscando aporte na mesma.

Ao término dessa exposição, demonstramos o complemento que a narrativa literária compete à historiografia de maneira geral. Dessa forma, *O tempo e o vento*, bem como outros documentos literários fornecem distintas possibilidades de

reflexão para os múltiplos olhares de historiadores ao longo de seus processos de formação intelectual e amadurecimento enquanto pesquisadores. Salientamos, enfim, que as reflexões aqui propostas têm o intuito de apresentarem-se à luz de novos conceitos e de outros pesquisadores, convergindo, decisivamente para o avanço desse campo de estudos.

REFERÊNCIAS

BAKOS, Margaret (Org.). Júlio de Castilhos: positivismo, abolição e república. In: _____. **Júlio de Castilhos: positivismo, abolição e república**. Porto Alegre: IEL: EDIPUCRS, 2006. p. 9–44.

BECKER, Celia Doris. **Erico Verissimo e a urdidura da ficção com a história em O Retrato**. Tese – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

BORDINI, Maria da Glória. O Continente: um romance de formação? Pós-colonialismo e identidade política. In: GONÇALVES, Robson Pereira (org.). **O tempo e o vento: 50 anos**. Santa Maria, RS: UFSM; Bauru, SP: EDUSC, 2000. p. 45-68.

CHARTIER, Roger. O passado no presente. **História Revista**, Goiânia, v. 26, n. 2, p. 29-53, 2021. DOI: 10.5216/hr.v26i2.68280. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/68280>. Acesso em: set. 2022.

DI MEGLIO, Gabriel. Guerra de Ladrones: La Argentina contra Brasil (1825-1828). In: LORENZ, Federico. **Guerras de la historia Argentina**. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Ariel, 2015, pp. 159-182.

FERREIRA, Antonio Celso. Literatura: a fonte fecunda. In: LUCA, Tania; PINSKY, Carla. **O historiador e suas fontes**, 1ª Ed. São Paulo, SP: Contexto, 2012. p. 61-91.
FREGA, Ana. La vida política. In: G. Caetano (dir.), A. Frega (coord.). **Uruguay. Revolución, independencia y construcción del Estado**. Tomo I. 1808/1880, Montevideo, Fundación Mapfre/Planeta, 2016. pp. 31-85.

GRIJÓ, Luiz Alberto. **Origens sociais, estratégias de ascensão e recursos dos componentes da chamada “Geração de 1907”**. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1998.

GUAZZELLI, Cesar Augusto. Fronteiras americanas na primeira metade do século XIX: o triunfo das representações nos Estados Unidos da América. **Anos 90**, [S. l.], v. 10, n. 18, p. 124–144, 2003. DOI: 10.22456/1983-201X.6330. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6330>. Acesso em: set. 2022.

MATA, Sara Emilia. Enfoques y posibilidades de la historia regional. **Revista Escuela de Historia**. Salta, v. 18, n.1, p.00, jun. 2019. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1669-90412019000100005&lng=es&nrm=iso. Acesso em: fev. 2022.

OSÓRIO, Helen. Trabalhadores da pecuária: peões e gaudérios na fronteira do império português. In: **Anais do XX Jornadas de Historia Económica**. Mar del Plata: Universidad de Mar del Plata, 2006, p. 1-24.

PESAVENTO, Sandra. **A Revolução Federalista**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1983.

VERISSIMO, Erico. **O tempo e o vento: O Continente**. 4. Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2013.

ZALLA, Jocelito. Os homens-fronteira: problemas históricos e soluções ficcionais em Erico Verissimo. **Remate de Males**, Campinas, SP, v. 36, n. 2, p. 461–479, 2016. DOI: 10.20396/remate.v36i2.8647911. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8647911>. Acesso em: fev. 2022.

ZILBERMAN, Regina. Saga familiar e história política. In: GONÇALVES, Robson Pereira (org.). **O tempo e o vento: 50 anos**. Santa Maria, RS: UFSM; Bauru, SP: EDUSC, 2000. p. 25-44.